

## **FEMINISMOS NEGROS: (RE)EXISTÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS EXATAS**

**Cinthia Raquel de Souza<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>cinthiasouza@ufpr.br

**Elenilton Vieira Godoy<sup>2</sup>**

<sup>2</sup>elenilton@ufpr.br

**Área de Concentração: Educação Matemática**

**Linha de Pesquisa: Formação de Professores que ensinam Ciências e Matemática**

**RESUMO:** A presente pesquisa tem como objetivo produzir sentidos a partir das trajetórias e experiências vividas por pesquisadoras negras que atuam nos cursos de Ciências Exatas da UFPR. Para tanto, a produção dos dados ocorreu por meio da pesquisa narrativa. A partir de suas narrativas, pretendemos, inspirados na Análise de Discurso, identificar e discutir elementos de racismo institucional e estrutural, e os assédios vividos por essas pesquisadoras no âmbito pessoal e profissional frente às proposições de referenciais teóricos negros, que tratam das relações interraciais no âmbito institucional, pessoal, bem como as vicissitudes das relações entre negros e brancos no ambiente acadêmico, com ênfase na perspectiva interseccional. Nesse sentido, uma análise inspirada na AD nos permitirá discutir as semelhanças entre suas trajetórias em um local dominado pela cultura heteronormativa, branca e patriarcal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres negras, Feminismos negros, Gênero nas Ciências Exatas.

### **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem como objetivo produzir sentidos a partir das trajetórias e experiências de pesquisadoras negras atuantes nos cursos de Ciências Exatas da UFPR. A partir de suas narrativas pretendemos identificar e discutir elementos de racismo institucional e estrutural, e os assédios vividos por elas tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Nesse sentido, intenciona-se vislumbrar e discutir, a partir das convergências apresentadas em suas falas, as semelhanças entre suas trajetórias em um ambiente sabidamente dominado pela heteronormatividade branca e pelo patriarcado.

Com isso, partimos do preceito que a sociedade historicamente associa a imagem da mulher, sobretudo de mulheres negras, aos serviços domésticos e braçais. A elas, conforme discutido por Angela Davis (2019), é destinado o que sobra dos homens brancos, mulheres brancas e homens negros. Por esse motivo, a inserção de mulheres negras na academia ainda é muito pequena, sendo importante destacar que os homens negros também são vítimas de racismo, estando inclusive abaixo de mulheres brancas na pirâmide social (RIBEIRO, 2019). Assim, existe a urgência em tratá-las em uma categoria a parte dos feminismos propostos por mulheres brancas, e de condutas antirracistas aplicados à comunidade negra do sexo masculino. (BAMBIRRA; LISBOA, 2019).

De acordo com o Censo do Ensino Superior de 2018, somente 23% das professoras universitárias no Brasil são negras (BRASIL, 2018). Assim, é imperativo voltarmos nossos esforços a inserção e permanência dessas mulheres em espaços tradicionalmente ocupados por

homens brancos. Com isso, o surgimento e a popularização dos feminismos negros visibilizaram a necessidade de tirar a mulher negra da condição de fome e extremo abandono nas políticas públicas. Contudo, novos passos adiante são necessários, a inserção de pessoas negras em espaços tradicionalmente ocupados por homens brancos está ocorrendo, mas ainda a passos muito curtos, entretanto a inserção especificamente de mulheres negras ocorre a passos ainda mais curtos. É importante frisar que não se desconsidera a importância do feminismo proposto por mulheres brancas, tampouco a necessidade da luta antirracista voltada aos homens negros. O que se destaca aqui, é a necessidade de políticas voltadas a mulheres negras que estão muito à margem em sua inserção no ambiente acadêmico, assim, a proposta desse estudo é investigar como está ocorrendo a inserção e a visibilização dessas poucas mulheres.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Em um primeiro momento, é salutar destacarmos a etimologia do termo raça, para tanto, nos valem das proposições de Sílvia Almeida (2019). O autor negro destaca que a etimologia do termo ainda gera uma enorme controvérsia, seu significado está atrelado ao estabelecimento de classificações que, em geral, são utilizadas para categorizar plantas e animais. Sua associação aos seres humanos é um fenômeno da modernidade, relativamente recente, remontando a meados do século XVI. O termo raça é usado para justificar o estabelecimento de categorias entre seres humanos. Racializar é categorizar. Racializar é animalizar povos subalternos e marginalizados. Almeida estabelece ainda, que raça não é um termo fixo ou estático “seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há uma **contingência, conflito, poder e decisão**, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico” (ALMEIDA, 2019, p. 24-25, grifos nossos).

Assim, raça pode ser considerada um termo político, atrelado às circunstâncias históricas, o que fornece um sentido específico à ideia de raça. Considerando as circunstâncias históricas, expansão econômica e mercantilista, de meados do século XVI, a colonização de um “novo mundo”. A ideia de uma raça inferior ao homem europeu forneceu a mão-de-obra necessária para a expansão da cultura renascentista e comercial burguesa europeia (ALMEIDA, 2019). Para Fields e Fields (2014) o conceito de raça é fortemente atrelado ao preceito de que os homens podem ser separados em diferentes grupos. Assim, se podem estabelecer relações de superioridade e inferioridade entre grupos distintos, utilizando como justificativa, características inatas compartilhadas entre membros de um determinado grupo, como a cor da pele, que diferenciam os indivíduos entre si.

Nesse sentido, a ideia de raça, adquire grande relevância social com a compreensão de “homem” construída pela filosofia moderna. Mesmo que essa compreensão do “ser homem” seja quase intuitiva para nós, ela não é tão óbvia quanto parece. Na verdade, Almeida (2019, p. 25) destaca que esse é “um dos produtos mais bem-acabados da história moderna e exigiu uma sofisticada e complexa construção filosófica”.

Assim, podemos estabelecer que “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2019, p. 31). Ainda que exista relação entre os conceitos de racismo, preconceito racial e discriminação racial. É imperativo estabelecer suas

diferenças, o preconceito racial é o julgamento estabelecido aos indivíduos pertencentes a um determinado grupo racializado, e pode ou não levar a práticas discriminatórias. Um exemplo é considerar negros lascivos e preguiçosos, judeus avarentos, orientais inteligentes ou europeus naturalmente belos (ALMEIDA, 2019). Já a discriminação racial, atribuí tratamento diferenciado a grupos racializados. Logo, tem como quesito fundamental relações de poder de um grupo, racialmente identificado, com outro. Essas relações de poder estabelecem vantagens e desvantagens a partir da raça. Como principal consequência, as práticas discriminatórias, que levam à estratificação social, esse fenômeno ocorre geração após geração, e marginaliza determinada raça, diminuindo suas chances de ascensão social e crescimento material. Ainda sobre a discriminação, vale salientar, que existe a possibilidade da discriminação positiva. Como ocorre nas ações afirmativas, que visam corrigir distorções e injustiças causadas pela discriminação negativa a grupos marginalizados. Outro conceito fundamental é a concepção de racismo institucional, no qual o poder é o elemento principal nas relações raciais. Assim, podemos estabelecer que o racismo é um processo de dominação (ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, se concluirmos que o racismo decorre da própria estrutura social, e do modo como se estabelecem as relações econômicas, sociais, políticas, jurídicas e também as relações familiares. Percebemos que o racismo é estrutural, e decorre de uma sociedade na qual o racismo é regra, e não exceção. O racismo é tradição, é legado de geração para geração, é parte do processo social e atualmente, e conforme inúmeras demonstrações recentes, que já não ocorrem velada, o racismo é escancarado e muitas vezes enaltecido através de uma cultura que o define como vitimismo. Assim, além de medidas de coibição dos racismos individuais e institucionais, é fundamental promover profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2019).

Para Fanon (2008) o negro possui duas dimensões, uma com outros negros e outra com o branco. O negro se comporta diferentemente com o branco pelo sepultamento de sua originalidade cultural, essa fissura ocorre em consequência da colonização, e é alimentada devido ao complexo de inferioridade imbricado nos povos colonizados. O negro procura assimilar os valores culturais do colonizador para “escapar de sua selva”, assim quanto mais ele rejeitar sua negritude, mais branco será:

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável [...] (FANON, 2008, p. 47)

Quando um preto fala de Marx, a primeira reação é a seguinte: “Nós vos educamos e agora vocês voltam contra seus benfeitores. Ingratos! Decididamente, não se pode esperar nada de vocês”. E depois há ainda este argumento-porrete do empresário agrícola europeu na África: “Nosso inimigo é o professor” (FANON, 2008, p. 48). Nesse sentido, como o propósito da desalienação dos negros, Fanon (2008) propõe a existência de uma incompreensão entre negros e brancos. O branco reivindica para si a beleza e a virtude, que nunca foram negras. E, atribuí ao negro, à maldição, o mal é negro, o ruim é negro, a lascívia é negra, o demônio é negro. Assim, ao negro só resta uma porta de saída, do que é negativo, do amaldiçoado, e ela dá no mundo branco, no desejo de ser poderoso como o branco. Ao negro é apresentado um dilema:

[...] **branquear ou desaparecer**, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um **desejo inconsciente de mudar de cor**, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”;

ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 95-96, grifos meus).

Agora cabe estabelecer o conceito de racismo institucional, que consiste em um grande avanço para as relações raciais. Esse conceito permite demonstrar que o racismo transcende as relações individuais, e estabelece o poder como elemento fundamental da dominação de uma raça sobre a outra, utilizando assim o aparato institucional para perpetuar sua dominação (ALMEIDA, 2019). Assim, pode-se, então, determinar que o racismo é um processo político. Pois ele é sistêmico, estratifica a sociedade, e depende das relações de poder. Tendo como seu principal objetivo **manter a hegemonia patriarcal branca** nas posições de poder causando a discriminação de minorias e grupos raciais inteiros. No Brasil, infelizmente, o racismo é negado através de uma suposta democracia racial. Atribui-se a culpa da situação social das pessoas a letargia em suas ações para alcançar a tão sonhada ascensão social. Através do discurso da meritocracia, o brasileiro avaliza que pessoas negras e demais minorias são as únicas culpadas por sua condição social, que não fazem tudo a seu alcance, como se tudo estivesse ao seu alcance. Esse comportamento exonera do Estado e da Sociedade a situação de miséria, desigualdade social e violências vividas. E encoraja o negro a embranquecer para ser aceito, negando sua raça, suas origens e suas crenças (ALMEIDA, 2019).

Partimos, então, para o papel da mulher negra, objeto desse estudo, na sociedade. Para Davis (2016), a mulher negra, sempre, teve mais atividades externas às ocupações domésticas, proporcionalmente, às suas irmãs brancas. Contudo, o padrão estabelecido durante os anos de escravidão destinou às mulheres negras uma condição de subalternidade, inclusive em relação aos homens negros, que eram vistos como unidades de trabalho lucrativas de seus proprietários, no mercado de trabalho (DAVIS, 2016). Nessa esteira, apresentamos, as falas de Bambilra e Lisboa (2019) e se concluí a necessidade premente de discussão a partir dos feminismos negros sobre a marginalização das mulheres negras, sobretudo no ambiente acadêmico. A discriminação de gênero e a estratificação do trabalho, entre outros fatores deixam as mulheres negras, dentre outros sujeitos subalternizados, à margem dos debates e políticas públicas próprias para acessar a tão almejada ascensão social e acadêmica. Contudo, graças às lutas travadas ao longo de muitas décadas as questões de discriminação de gênero e de raça e a divisão do trabalho vêm sendo discutidas e combatidas pelos feminismos negros.

## **METODOLOGIA**

Quanto à natureza da pesquisa com o objetivo de analisar e problematizar a trajetória de pesquisadoras negras nos cursos de Ciências Exatas da UFPR, esse estudo utilizará a Análise de Discurso (AD) como inspiração para análise dos dados obtidos. As entrevistas narrativas serão construídas de acordo com as técnicas propostas por Jovchelovitch e Bauer (2008), levando em conta a importância que desempenha na conformação de fenômenos sociais e também como uma possibilidade de significação das experiências vividas e do enfoque detalhado nos acontecimentos e ações. Nesse sentido, pretende-se inserir as pesquisas nos campos da raça, gênero e classe, nas vivências de pesquisadoras negras formadas e atuantes nas áreas de Ciências Exatas e suas relações com o racismo estrutural e institucional.

Para iniciar o processo de constituição dos dados, foi realizada a pesquisa bibliográfica, utilizando palavra-chave relacionadas ao objeto/objetivo da pesquisa, a saber,

conforme descrito no próximo tópico. O levantamento bibliográfico compreendeu: anais de eventos e as produções acadêmicas (teses e dissertações). Por meio da realização da pesquisa bibliográfica, se pode obter um “apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 158). Na sequência, após o estabelecimento do levantamento bibliográfico sobre a temática pesquisada utilizou-se a pesquisa narrativa como metodologia de coleta de dados das entrevistas. Com projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR, CAAE: 56459422.8.0000.0102.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi realizado um mapeamento das dissertações e teses no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (CTD-CAPES), conforme os seguintes conceitos-análise: feminismo negro (singular), feminismos negros (plural), gênero, mulheres e mulheres negras. E nos principais eventos voltados à pesquisa em Ensino/Educação em Ciências e em Matemática, a saber ENPEC, ENEM e SIPEM. Nos anais da ANPEd, evento voltado à pesquisa em Educação e nos anais do COPENE, principal evento voltado à pesquisadores da raça negra. A pesquisa foi realizada utilizando os seguintes conceitos-análise: trajetória docente, docência em Ensino Superior, mulheres, mulheres negras. A pesquisa foi realizada nos meses de março e abril de 2022, nos sítios eletrônicos dos eventos e no CTD-CAPES. Para tanto, foram pesquisados trabalhos publicados de 2003 a 2021, utilizando como marco teórico para delimitação temporal a promulgação da Lei 10639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Assim, foram mapeadas 747 dissertações e teses se realizou mapeamento diretivo a partir da leitura dos títulos e resumos, com o objetivo de estabelecer quais dissertações e teses possuíam relações diretas e indiretas com nosso objeto de pesquisa, obteve-se ao final da leitura um total de 156 trabalhos com algum tipo de relação. Em relação aos anais de eventos, foram mapeadas 41 pesquisas de um total de 18.992 trabalhos, cerca de 0,216% do montante de trabalhos socializados nesses eventos.

As entrevistas narrativas foram realizadas com quatro professoras pesquisadoras da UFPR, sendo duas atuantes na área de Química, uma da Matemática e uma da Física, uma das pesquisadoras já se encontra aposentada, mas permanece atuante em Programas de Pós-Graduação da UFPR. Apenas uma se declara de cor preta, sendo que as demais se autodeclararam pardas. Nesse sentido esperamos que a pesquisa venha contribuir com a inserção de mulheres negras no ambiente acadêmico, sobretudo na área de Ciências Exatas. As conclusões relativas aos dados obtidos a partir das entrevistas só poderão ser inferidas após a análise minuciosa das narrativas, o que será realizado na próxima etapa da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais).

DOI: 10.5380/13ppgecm2023.resumo04p26-32

BAMBIRRA, N. V.; LISBOA, T. K. “Enegrecendo o feminismo”: a opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 270-284, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo do Ensino Superior**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>, acesso em 07 de janeiro de 2021.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

FERREIRA, L. **Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia**. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/menos-de-3-entre-docentes-da-pos-graduacao-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

FIELDS, K. E.; FIELDS, B. J. **Racecraft: the soul of inequality in American life**. London: 2014.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. (ed.). Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 4. p. 90-113.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais).